

# DE FONTE DOCUMENTAL A ARTEFATO CULTURAL: O JORNAL O PANTANEIRO E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL

Lise Rossi Jones Lima

lise.lima@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

**Resumo.** Os jornais, por muitos anos, foram considerados apenas instrumentos de registros documentais apesar de sua importância na historiografia contemporânea. Somente com o aumento da documentação em massa esses arquivos foram considerados como patrimônio cultural e como valiosos recursos de valorização da memória coletiva de uma sociedade. Assim, influenciado pelas importantes e reflexivas contribuições dos Estudos Culturais, este artigo apresenta o jornal impresso como um potente artefato cultural. Fundado na década de 1960 na cidade interiorana Aquidauana, pertencente ainda no então estado do Mato Grosso, na mesma época em que os Estudos Culturais ganhava ainda mais destaque em regiões inglesas, especialmente na capital, Londres, analisa-se o semanário *O Pantaneiro* e como um impresso pode influenciar a construção e o fortalecimento das identidades e da cultura do seu povo.

**Palavras-Chave.** artefato cultural, memória, jornal, *O Pantaneiro*

**Abstract.** Newspapers, for many years, were considered only instruments of documentary records despite their importance in contemporary historiography. Only with the increase in mass documentation were these archives considered cultural heritage and valuable resources for valuing the collective memory of a society. Thus, influenced by the important and reflective contributions of Cultural Studies, this article presents the printed newspaper as a powerful cultural artifact. Founded in the 1960s in the rural town of Aquidauana, still part of the then state of Mato Grosso, at the same time that Cultural Studies gained even more prominence in English regions, especially in the capital, London, the weekly *O Pantaneiro* and how printed material can influence the construction and strengthening of the identities and culture of its people.

**Keywords.** cultural artifact, memory, newspaper, *O Pantaneiro*

## 1. Artigo completo

A memória coletiva pode influenciar a construção e o fortalecimento das identidades e da cultura de uma sociedade. Atualmente, não apenas historiadores, mas pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas e sociais dedicam-se a investigar com mais intensidade as inúmeras fontes primárias de registros disponíveis. De tão importante, a memória passa a ser considerada um objeto de poder e essencial para gerações futuras.

Por ser rica em dados e uma importante fonte primária, a informação registrada pelos impressos, como os jornais, também merece ser reconhecida já que, de forma democrática, conforme afirma o historiador francês Jacques Le Goff ela “salva o passado para servir ao presente e ao futuro”. (LE GOFF, 2008, p. 471).

Mas apesar de sua importância na historiografia contemporânea, os jornais nem sempre foram considerados registros oficiais. Le Goff (2008) acentua que o termo “documento” no fim do século XIX, valia apenas para os registros que eram considerados como textos de “testemunho válido” e substancialmente escrito, como, por exemplo, os discursos de governantes, correspondências de governo, despachos de ordens militares e atas. Derivado do termo latino *documentum*, evoluiu para o termo “prova”, como os documentos que são comumente utilizados no judiciário nos dias atuais. Os relatos não eram considerados documentos na época justamente por haver alguma possibilidade de imparcialidade. Somente com a evolução do termo, especialmente na escola positivista é que o documento ganha destaque aos historiadores e “a partir de então, todo historiador recordará que é indispensável o recurso ao documento”. (LE GOFF, 2008, p. 529).

Já nas primeiras décadas do século XX, surgiram novas concepções sobre a importância do uso de documentos pelos historiadores. Fundadores da revista de *Annales* deram a sua contribuição para a ampliação da noção do termo “documento” e a partir dos anos de 1960 surge a chamada “revolução documental”. Com o aumento da documentação de massa, “é neste momento, com o arquivo destes documentos, que surge o patrimônio cultural e a valorização da memória coletiva.” (LE GOFF, 1924, p.532).

Um grande passo para a valorização do patrimônio foi alcançado com as diversas orientações elaboradas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em especial o Programa Memória do Mundo: Diretrizes para

salvaguarda do patrimônio documental (1992), impulsionadas pela consciência crescente do lamentável estado de conservação do patrimônio documental e do deficiente acesso a este em diferentes partes do mundo.

Em sua atualização divulgada dez anos depois da primeira publicação, o documento explica que o patrimônio documental está inserido no patrimônio cultural como uma de suas categorias e apresenta a sua importância: “Ela (a Memória do Mundo) traça a evolução do pensamento, dos descobrimentos e das realizações da sociedade humana. É o legado do passado para a comunidade mundial presente e futura” (UNESCO, 2002, p. 05).

Para a UNESCO<sup>1</sup> (2002), apesar do conceito de documento ser universal, ao se tratar de “patrimônio documental” há de se considerar que:

O documento apresenta dois elementos fundamentais: o conteúdo informativo e o suporte no qual esse se consigna. Eles podem apresentar uma grande variedade e ambos são seres igualmente importantes como parte da memória, como por exemplo, os itens textuais tais como manuscritos, livros, jornais, cartazes, etc. O conteúdo textual pode ter sido inscrito a tinta, lápis, pintura ou outro meio. O suporte pode ser de papel, plástico, papiro, pergaminho, folhas de palmeira, cortiça, pano, pedra, etc. (UNESCO, 2002, p. 11).

Ainda que a definição de “documento” pela UNESCO abranja itens como manuscritos, gravuras, partituras, filmes e até mesmo sítios de Internet, este trabalho irá focar sobre um em especial: o jornal impresso. Estes, embora tenham importância na construção da memória de uma sociedade, em geral, são pouco estudados no Brasil, sendo considerados apenas um instrumento na maioria das pesquisas. “Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil” (DE LUCA, 2008, p.111). A construção de um conhecimento histórico utilizando-se este tipo de mídia impressa também passou por transformações ao longo do tempo, conforme explica a autora:

Durante o século XIX e no início do século XX prevalecia a idéia de que os historiadores deveriam manter a neutralidade perante suas fontes documentais enquanto jornais, pois estes pareciam pouco adequados ao estudo da história, pois se

---

<sup>1</sup> UNESCO. Programa Memória do Mundo: Diretrizes para salvaguarda do patrimônio documental, 2002.

acreditava que, escritos em circunstâncias de interesses, compromissos e paixões, ao invés de captarem os fatos, deles forneciam imagens distorcidas, parciais e subjetivas da realidade. (DE LUCA, 2008, p. 111).

Em regiões interioranas a imprensa carrega um papel ainda mais fundamental aos seus residentes. Por vezes, guarda memórias da produção histórica e pode-se revelar como uma voz mais próxima da realidade do povo. Neste sentido, a preservação de suas notícias é de extrema importância, pois acaba por refletir a sociedade local para gerações futuras por meio de seus arquivos. De acordo com Simôni Costa Monteiro Gervásio e os demais autores da pesquisa acerca do Repositório Digital Tatu, da cidade do Rio de Janeiro, estas “em grande parte, estão fundamentadas na análise de documentos históricos produzidos por [...] (documentos, livros, revistas, periódicos, jornais, cartilhas, fotos, mapas, etc.) que guardam [...] distintos momentos históricos.” (GERVÁSIO, et al, 2019, p.2). Ou seja, o jornal surge na lista de itens considerados pelos autores como fonte de preservação da história.

Há acervos de periódicos espalhados por todo o país. Universidades, museus, Institutos Históricos, centros de documentação, instituições de pesquisa, bibliotecas e arquivos públicos e privados, além das próprias empresas jornalísticas abrigam coleções significativas de periódicos. (DE LUCA, 2008, p. 141)

A fonte jornalística se dá em fatores gerais da sociedade e também nos diversos formatos jornalísticos que, com a modernização das mídias, foram tornando-se cada vez mais visuais e digitais. De acordo com Mário Gonzaga Jorge Junior, ao tratar em sua pesquisa acerca do telejornal Bahia Meio Dia, afirma que a atualização do jornalismo para aproximar-se da voz mais íntima do povo, bem como se adaptar às mudanças sociais trazendo-as para a programação do telejornal, fazem com que este esteja mais próximo ao cotidiano das pessoas ditas comuns e de seus interesses. O autor ainda afirma que essa “é uma marca que está modificando as práticas jornalísticas atuais, e a nossa hipótese é de que o jornal Bahia Meio Dia se inscreve nesse contexto: ser mais popular.” (JUNIOR, et al, 2019, p.8) Portanto, é possível compreender o jornal como parte dos movimentos de transformação social nos seus mais diversos setores e o jornal interiorano se aproxima ainda mais dessas transformações sociais pois serve-se dela com uma visibilidade muito maior.

Mas já podemos perceber que não é uma tarefa simples. De acordo com De Luca (2008), o primeiro passo para se iniciar uma pesquisa em jornais é localizar a fonte e averiguar as condições oferecidas para consulta. Ao mesmo tempo, a autora traz um alerta de que a tarefa pode ser bem mais complexa do que o esperado, já que nem sempre os exemplares estão disponibilizados de forma organizada, podendo ser encontrados em péssimo estado de conservação.

Em Aquidauana poucos registros são encontrados sobre o início da imprensa escrita. O que sabemos é que o rio teve um papel fundamental já que as primeiras instalações do município de Aquidauana foram em função da navegação, especialmente pela Bacia do Prata, sendo Corumbá a principal via de comunicação com o município local. Prova concreta da importância do transporte fluvial para o desenvolvimento da região são as primeiras construções que direcionavam suas entradas voltadas para o rio, nas duas margens, inclusive. A construção da Igreja Matriz de Aquidauana iniciada em 1904 possui as portas principais na direção do rio com o intuito de receber os visitantes que chegavam de outras localidades, assim como a população aquidauanense que residia, em sua maioria na margem esquerda – atual município de Anastácio.

Apenas na década de 1910 iniciou a circulação dos primeiros jornais da cidade, sendo ambos em formato de tabloide. Com a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, na segunda década do século XX, a urbanização da cidade mudou sua ocupação passando a modernizar com mais intensidade o lado direito do rio. Mudou também a forma de comunicação da região com outras localidades, já que a recente ferrovia ligava, na época, a capital do Império localizada no litoral à antiga província do Mato Grosso. Os novos noticiários locais surgiram como foco na modernização da industrialização brasileira e o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, trazendo aos leitores um resumo das principais notícias do país.

No início da segunda metade do século XX, apesar do avanço das comunicações, redatores dos jornais locais ainda tinham grandes dificuldades para terem acesso às notícias nacionais. Quando não era possível esperar a chegada das principais notícias nacionais via estrada férrea da Noroeste do Brasil, eram os noticiários de emissoras de rádio dos grandes centros as suas principais fontes jornalísticas.

Trazendo traços contemporâneos, surge em 1965, no dia 5 de maio, o Jornal O Pantaneiro. Fundado pelos esforços do tipógrafo Aldo Royg, pelo dentista Oscar de Barros

Filho e pelo advogado Augusto Alves Corrêa o semanário teve como premissa de seus fundadores a necessidade de implantação de um órgão de imprensa “livre” além da busca por uma renovação da nova mentalidade política trazida pelos jovens fundadores após um período em centros mais desenvolvidos para se aprofundarem em suas formações do ensino superior.

Nesta mesma época eram registrados em diversas regiões do país e do mundo o nascimento dos meios de comunicação considerados mais populares, acessíveis ao público não-letrado da sociedade que começavam a retratar em suas páginas, além de noticiários nacionais, as práticas culturais do seu povo. Devemos evidenciar, portanto, todo o contexto social o qual o semanário O Pantaneiro foi lançado.

Em termos mundiais, na mesma década de fundação, começou a ganhar destaque os Estudos Culturais, em Londres, na Inglaterra. Sobre o novo conceito, que não se delimita a ser apenas uma disciplina, Ana Carolina Escosteguy, nos explica que o termo refere-se a “um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (ESCOSTEGUY, 2000. p. 03).

De acordo com a autora, foi através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), fundado em 1964 - portanto um ano antes do jornal O Pantaneiro – que os Estudos Culturais surgiram de forma mais organizada, estando ligado especialmente ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham. Com os valores da classe operária da Inglaterra em um cenário pós guerra, o novo campo de estudo tem como foco principal de sua pesquisa “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 2000. p. 03).

O intelectual marxista Raymond Williams (1921-1988) foi um dos autores que fundamentaram os Estudos Culturais e tem influenciado pensadores por décadas. Sociólogo inglês e crítico da arte, Williams veio da classe trabalhadora e defendia que a disseminação da cultura não deveria ser privilégio para apenas uma pequena parcela da sociedade e que todos deveriam ter o acesso aos meios de produção cultural.

Logo depois dos primeiros anos de fundação, os meios de comunicação passam a ser objeto de estudo no campo dos Estudos Culturais. Escosteguy destaca como foi o processo de compreensão dos meios de comunicação por esse campo:

Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa como simples instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia. Nesta perspectiva, são estudadas as estruturas e os processos através dos quais os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão se adaptando continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e englobando-as e integrando-as no próprio sistema cultural. (Escosteguy, 2000. p. 07)

Os Estudos Culturais passaram então a investigar a área das mídias sociais e sua influência na constituição das identidades, dando espaço a novos estudos sobre a cultura da mídia e sua potente capacidade de influenciar novos modelos de sociabilidade. Na era contemporânea, um grande impulso veio na área da educação, especialmente as pedagogias culturais.

Sandro Bortolazzo (2020) argumenta que esta nova expressão “Pedagogia Cultural” não remete apenas na junção de dois termos tão importantes, mas traz relevantes contribuições para o campo pedagógico. Para ele, a expressão ao ser mencionada no plural – Pedagogias Culturais – acaba por multiplicar, também, os seus campos de atuação ganhando diferentes espaços para além da sala de aula. Quando percebemos que o conceito de pedagogia não encontra-se limitado apenas à fronteira escolar, novos conceitos são trazidos para a esfera. Ao aliarmos os termos de pedagogia e cultura, não nos deparamos apenas com uma nova expressão, mas um campo rico de conhecimentos e saberes ligados ao campo pedagógico, que influenciam os sujeitos.

Com essa perspectiva, filmes, programas de TV, revistas, livros, monumentos, além de muitos outros artefatos como o jornais passaram a ser mais amplamente estudados e começaram a ser percebidos como produções pedagógicas pois, “ao difundirem representações, elas mesmas vão construindo identidades, promovendo certos valores e condutas, assim como suscitando prescrições”. (BORTOLAZZO, 2020. p. 324).

Ao acompanhar o movimento histórico cultural do município em todos os aspectos que lhe dizem respeito, como a educação, o jornal atua como ferramenta de preservação de fontes históricas documentais. Além de registrar em seus impressos semanalmente as notícias e fatos importantes que ocorrem em uma determinada região,

acompanhando o movimento histórico em todos os aspectos que lhe dizem respeito, o jornal, a partir de uma perspectiva dos Estudos Culturais passou a ser percebido como um potente artefato cultural.

As pesquisas referentes à história da educação brasileira, em grande parte, estão fundamentadas na análise de documentos históricos produzidos por instituições escolares, espaços educativos, secretarias, universidades e redes de ensino nas diferentes regiões do nosso país (documentos, livros, revistas, periódicos, jornais, cartilhas, fotos, mapas, etc.) que guardam os saberes educacionais e os objetivos de diferentes épocas e distintos momentos históricos. Constituir narrativas históricas da educação através da análise de documentos históricos compreende um amplo e efetivo campo de pesquisa que tem fomentado diversas produções científicas. (GERVÁSIO, et al, 2019, p. 02)

Pela ampla possibilidade de pesquisas pelos jornais, não podemos nos limitar apenas àquelas que objetivam compreender o passado. De Luca nos garante que “a variedade da fonte imprensa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas”. (DE LUCA, 2008, p.141).

Podemos identificar, por exemplo, este artefato com uma grande possibilidade de pesquisas na área educacional e como ele poderia ser investigado como um instrumento de ensino, para além do currículo tradicional das escolas, passando a ser considerado um currículo cultural. Marlécio Maknamara nos explica a grande capacidade de análises que este objeto pode oferecer já que “os diferentes artefatos acionados pela cultura da mídia constituem textos curriculares, textos que precisam ser analisados em suas capacidades de governar e de produzir sujeitos”. (MAKNAMARA, 2020, p. 59). O autor traz ainda uma explicação sobre o conceito de currículo cultural:

Considerando-se que há toda uma maquinaria não-escolar atribuindo significados a lugares, coisas, fenômenos, práticas e sujeitos, tem-se reconhecido que diferentes artefatos culturais constituem um currículo, um currículo cultural que tem sido problematizado por diferentes pesquisas em educação de modo geral e pelas pesquisas curriculares de modo particular. (MAKNAMARA, 2020, p. 59).

No seu período de circulação, 56 anos ininterruptos, o Jornal O Pantaneiro esteve aberto a colaboradores de diversas áreas que realizam até os dias atuais a sua contribuição por meio da escrita e publicação de crônicas, colunas e reportagens em assuntos com os



quais mais se identificam. Estes autores poderiam, por meio do semanário, expor seus pensamentos a um público variado de leitores, considerando a diversidade étnica da população de Aquidauana. E esta gama de conteúdos é que podem ampliar ainda mais as possibilidades de pesquisas tendo o semanário como objeto de estudo, já que atualmente ele é mais utilizado como fonte a pesquisadores que buscam nele os registros importantes para seus estudos.

Pesquisar o jornal através da análise discursiva de Michel Foucault em reportagens, crônicas, publicidades ou editoriais e suas relações de poder seria uma das inúmeras possibilidades de análise deste jornal aquidauanense, já que:

Esse tipo de análise implica em atentar a como determinados discursos vão se configurando em meio a relações de poder; significa, também, questionar sobre as condições de possibilidade e as regularidades a partir das quais determinados discursos concorrem para o exercício do poder e a produção de posições de sujeito. (MAKNAMARA, 2020, p. 63)

De Luca nos apresenta alguns temas relevantes como os estudos de gênero e a infância através dos periódicos como fonte de pesquisa, considerando que estes temas são “um dos mais dinâmicos da historiografia contemporânea brasileira” (DE LUCA, 2008, p. 126). A autora ainda destaca temas importantes como a História Política e a censura e complementa:

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica. (DE LUCA, 2008, p. 141)

Sendo assim, o jornalismo interiorano pode também ser fonte de pesquisas científicas como afirma Ribeiro acerca do jornal Monitor do Sul: “Foi através da análise de conteúdo das notícias do jornal Monitor do Sul[...] que percebemos o ineditismo que nossa pesquisa representaria a partir dessas fontes na historiografia da região cacauzeira da Bahia [...]” (RIBEIRO, et al, 2019, p.174).

Mas neste momento, diante de tantas possibilidades tentadoras de pesquisas, iremos iniciar a jornada com uma tarefa primordial. Conforme já nos alertava Tania Regina

de Luca, a atual forma de armazenamento dos exemplares do Jornal O Pantaneiro traz preocupações devido ao seu estado de conservação, especialmente dos impressos do período de 1965 a 1995, que apresentam comprometimento em sua integralidade e já estão em estado de decomposição. Atualmente, o acesso do público externo está proibido pelo fato do local não possuir um espaço adequado para a realização das pesquisas e à falta de manejo correto de alguns estudiosos que, ao estarem em contato com o arquivo do Jornal O Pantaneiro, por vezes acabaram danificando-o com rasuras, recortes e anotações impróprias, gerando um prejuízo irreparável ao inventário.

A proposta seria uma importante contribuição para as áreas da História, Jornalismo, Estudos Culturais como também para a Pedagogia, pois, conforme complementa Gervásio, ao se preservar a memória “é possível acessar o passado, compreender a história que nos antecedeu e, assim, construir conhecimento sobre o pensar educacional de cada época, sobre o sentido e o objetivo da educação em cada momento histórico” (GERVÁSIO, et al, 2019. p. 06). Sendo assim há que se propor, neste momento, um projeto de restauração e organização dos exemplares e o seu correto armazenamento, preservando principalmente os exemplares originais mais antigos, especialmente os da primeira década de fundação, incluindo, se possível a sua digitalização e poupando-os de desgastes ainda maiores objetivando a preservação histórica documental.

## Referências

BORTOLAZZO, Sandro. **Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: um análise do contexto Brasil e Austrália. Momento: Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 315–336, jan./abr., 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8674>. Acesso em: 08 mai. 2021.

DE LUCA, T. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Pinsky, C. (org.) Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma (Orgs.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 2-11.

GERVASIO, Simôni Costa Monteiro et al. O Repositório Digital Tatu como ferramenta para a preservação de fontes documentais, para o ensino e a pesquisa em História da Educação. In: Reunião Nacional ANPEd. 39., 2019. Niterói. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <[http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_32\\_9](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_32_9)>. Acesso em: 29 abril. 2021.

JUNIOR, Mario Gonzaga Jorge. Telejornalismo e mediação do popular: uma análise cultural do novo Bahia Meio Dia. In: ENECULT XV., 2019. Salvador. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111516.pdf> . Acesso em: 29 abril. 2021.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5.ed, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

MAKNAMARA, Marlécio. **Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos**. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, jun. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14189> . Acesso em 14 fev. 2021.

RIBEIRO, Oslan Costa et al. Notícias da freguesia de São Boaventura no jornal “Monitor do Sul” da cidade de Canavieiras-Bahia (1903-1913)In: Seminário Nacional Fontes documentais e Pesquisa Histórica. 3., 2019. Campina Grande. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: [http://iiisnfdph.historia.sti.ufcg.edu.br/images/Anais\\_ISSN\\_IIISNFPDH.pdf](http://iiisnfdph.historia.sti.ufcg.edu.br/images/Anais_ISSN_IIISNFPDH.pdf) . Acesso em: 30 abril. 2021.